
TRADUÇÃO E FRONTEIRAS LINGUÍSTICAS

Marina Dupré Lobato

Doutorado/UFF

Orientador: Mônica Maria Guimarães Savedra

Introdução

Umberto Eco (2007), ao descrever as origens e significados da palavra “tradução”, faz menção a uma expressão latina muito particular – *translatio imperii* –, que significava a “passagem” do mundo romano para o germânico, expressão que, implicitamente, indica fronteiras territoriais e culturais:

Em latim, o termo *translatio* aparece inicialmente no sentido de ‘mudança’, mas também de ‘transporte’, passagem bancária de dinheiro, enxerto botânico, metáfora. Somente em Sêneca ele aparece como versão de uma língua para outra. Da mesma forma, *traducere* significava ‘conduzir além’. Mas é bom lembrar que na Idade Média se falava de *translatio imperii* como, justamente, transporte, passagem da autoridade imperial de Roma para o mundo germânico. / A passagem de ‘transportar de um lugar para outro’ a ‘traduzir de uma língua para outra’ parece que se deve a um erro de Leonardo Bruni, que interpretou mal as palavras de Aulo Gálio (*Noctes I*, 18): ‘*Vocabulum graecum traductum in linguam romanam*’, em que se queria dizer que a palavra grega fora transportada ou transplantada para a língua latina. De todo modo, *traducere* difunde-se no século XV no significado que tem hoje e suplanta (pelo menos em italiano e francês) *translatare* – que, por sua vez, é *traductus*, no sentido antigo do termo, ou seja, transplantado para a língua inglesa (cfr. Folena 1991) como *to translate*. Portanto, traduzir chega até nós no significado primário no sentido de versão de uma língua para outra. (ECO, 2007, pp. 275-6)

Assim como ocorre no italiano e no francês, o vocábulo “tradução” deriva do desdobramento posterior de *traductio- onis* e *traducere* (“transportar através”¹) em português e em espanhol.

¹ cf. OXFORD DICTIONARY; DUDEN ONLINE; AULETE DIGITAL, 2016.

No alemão a formação da palavra é outra: apesar de ter a mesma origem, a partir do século XVII, o termo *Übersetzen*² torna-se corrente, uma derivação do significado latino por analogia e tradução, que expande o sentido para uma espécie de transposição, de uma “passagem sobre” algo, mas que ainda é mais do que isso, na medida em que evoca a ideia de “assentar algo sobre” (*über*: sobre; *setzen*: colocar, sentar, assentar).

De modo geral, essas imagens conduzem facilmente a uma visão bidimensional de fronteira, considerada como lugar entre duas línguas, duas culturas, dois textos etc. No entanto, as fronteiras das práticas tradutórias envolvem vários pontos de intersecção entre duas ou mais línguas e culturas, na medida em que a língua e a cultura de uma comunidade não podem ser tratadas como homogêneas e representativas de todos os indivíduos que a integram. Ou seja, assim como postula a sociolinguística, a língua não é homogênea no que diz respeito à situação sociocultural de seus falantes, bem como não o é em sua própria formação, em permanente situação de contato linguístico e cultural. No que diz respeito às áreas da linguística que atuam em interface com os estudos de tradução, a primeira noção descrita acima é tratada pela sociolinguística variacionista; a segunda é a proposta deste trabalho.

Tradução e fronteiras linguísticas

Como argumenta Pym (2003), a ideia da tradução como fenômeno que ocorre entre dois lados, separados por algum tipo de fronteira, evidencia um caráter binário (conceito da geometria). Entretanto, como aponta o autor, há pelos menos cinco formas não binárias de tratar a fronteira em relação à tradução: 1) como um conjunto de signos que marcam pontos isolados de contato; 2) como um conjunto de movimentos “*cross-culturalis*” referidos por esses signos; 3) como um conjunto de espaços definidos pela relativa eficiência econômica no que concerne às atividades interculturais mais difusas da aprendizagem de línguas; 4) como um conjunto de relações sociais e profissionais entre tradutores como produtores de discurso; 5) como estratégia transitória de comunicação formulada para promover formas mais estáveis de comunicação *cross-cultural*. Deste modo, a tradução se configura “um fato de interculturais nômades, mas forçada a servir a culturas nacionais sedentárias” (PYM, 2003, p. 451, tradução nossa).

² cf. DUDEN ONLINE, 2016.

Do modelo de análise sugerido por Pym, consideramos somente as formas que tratam da tradução em seus aspectos linguístico-culturais (1 e 2). Por outro lado, propomos uma abordagem focada na tradução em si, independente de seus agentes imediatos, mas como fenômeno universal de línguas e culturas em contato. Nesse sentido, a tradução seria um fenômeno entre outros do contato linguístico-cultural – seja pelo contato direto proporcionado pelo próprio ato de traduzir um texto, seja pela maior ou maior proximidade real entre as línguas de partida e de chegada. Essa perspectiva parte da hipótese de que o contato diria respeito não somente ao encontro concreto e situado no presente (momento da tradução) entre textos, línguas e culturas, mas a própria constituição de uma língua como sistema heterogêneo – levando-se em consideração as suas “camadas”, ou seja, seus substratos, superstratos e adstratos (MATTOSO CÂMARA JR., 2001 [1953]).

Desta forma, o grau de traduzibilidade entre duas línguas poderiam ser determinadas pelo grau de contato entre as mesmas. Como nota Coseriu:

“(...) da mesma maneira como *gemütlich* é ‘intraduzível’, também o são quase todas as palavras do vocabulário básico, não-terminológico, de línguas que não possuem fortes relações históricas ou culturais, embora muitas vezes, nem mesmo essa proximidade garanta o livre trânsito tradutório”. (COSERIU, 2010, p. 259)

No âmbito da sociolinguística, encontramos, até o momento, somente uma abordagem direta existente nos estudos de tradução, que se dá por meio da vertente variacionista, com base principalmente nas teorias desenvolvidas por Labov (2008 [1972]). Tal perspectiva propõe a discussão do processo tradutório a partir do princípio de “covariação sistemática entre a estrutura linguística e a estrutura social”, bem como “a relação de causalidade entre essas dimensões” (LACERDA, 2010, p. 128). Deste modo, a sociolinguística variacionista trata dos problemas e questões relacionados à tradução de dialetos e socioletos presentes em textos linguisticamente heterogêneos.

De acordo com Savedra (2015), os estudos sobre o contato de línguas têm origem a partir da gramática histórica, ainda no século XIX, com ênfase no fenômeno das mudanças linguísticas. No século XX, o Contato Linguístico passa a ser tratado como área autônoma – especialmente após a publicação da obra de Weinreich (2003 [1953]) sobre a natureza do bilinguismo – e como objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento além da linguística, como a antropologia, a história, a geografia, a psicologia, a política etc., especialmente em contextos de bilinguismo e de imigração.

Outros estudos importantes para a área são os de Haugen (1959; 1971), que aborda o contato tanto com base em uma perspectiva ecológica da língua – sob o conceito de “ecologia da língua”, que, posteriormente, se desenvolve nos estudos de Ecolinguística – , quanto de uma perspectiva política. Nesse sentido, Haugen concorda com Weinreich “ao afirmar que a língua só existe nas mentes de seus usuários, e que ela só funciona quando relaciona esses usuários uns aos outros e ao seu ambiente social e natural” (SAVEDRA, 2015, s/p.), noção-chave para descrever o contato linguístico.

Do ponto de vista da gramática contrastiva (TRAORÉ, 2009), o importante é identificar o que é próprio da língua enquanto estrutura, e o que é estranho enquanto particularidades. Em outras palavras, os fenômenos gramaticais dizem respeito não somente à forma, mas a especificidades linguístico-culturais que, por sua vez, estão intimamente relacionadas aos hábitos comunicativos de uma determinada comunidade de fala. Tal perspectiva tem como principal referência a filosofia de Humboldt sobre a linguagem e a noção de *Weltanschauung*, que admite, por um lado, o caráter universal do modo como as línguas se estruturam e, por outro, as diferenças entre elas resultantes das experiências de cada povo diante do mundo e da realidade. Essa “experiência do mundo”, a cultura de um povo, é que determinaria o tipo de língua que possui, e a língua, por sua vez, é que determinaria a maneira como esse povo pensa.

Por outro lado, para Humboldt (2006), da mesma forma que a língua é um fator determinante para a constituição de uma “visão de mundo” (*Weltanschauung*), a tradução seria benéfica para o desenvolvimento das línguas (nacionais), na medida em que proporciona o enriquecimento das mesmas com outras formas de expressão e pensamento:

[...] a tradução, sobretudo a dos poetas, é uma das tarefas mais necessárias dentro de uma literatura: em parte para fornecer àqueles que não conhecem a língua, formas de arte e da humanidade que de outro modo lhes permaneceriam desconhecidas e pelas quais toda nação obtém ganhos significativos, mas em parte também – e sobretudo – para aumentar a capacidade expressiva da própria língua”. (HUMBOLDT, 2010, p. 107, grifo meu)

O autor faz essa afirmação com base nas traduções gregas para o alemão, e argumenta que as traduções voltadas para a cultura da própria língua alvo, como as de tradição francesa – a tradição de *les belles infidèles* – não acrescenta nada à língua e à cultura locais (HUMBOLDT, 2010, p. 111). Dessa forma, as traduções identificadoras

(BERMAN, 2007), ou seja, traduções que buscam preservar a cultura da língua fonte, seriam as únicas capazes de oferecer algum benefício à língua alvo.

Traoré (2009) trata então do que denomina “níveis linguístico-culturais específicos” (*sprachkulturspezifische Ebenen*). Esses níveis são três: os níveis formais, os níveis de significado e os níveis funcionais. Os níveis formais estão relacionados à apreensão dos elementos estruturais da língua, sem a qual não é possível adquirir competência linguística. Os níveis de significado, dos significados por si mesmo, em seu valor semântico. Já os níveis funcionais dizem respeito às diferenciações culturais propriamente ditas e as funções que formas distintas assumem dentro de uma determinada comunidade de fala.

Berman (2007), por sua vez, assim como Humboldt, critica a tradução pelo sentido ou pela “bela forma” – a tradição francesa – e propõe uma “analítica da tradução” baseada no texto em prosa. Diante dessa perspectiva, o autor passa a tratar não do texto, mas de algo mais abrangente, o que denomina “letra”, que englobaria não somente o sentido e a forma, inseparáveis, mas “algo além do sentido”. Por esse motivo, ele critica traduções por ele denominadas etnocêntricas, pois elas são produzidas por meio de um sentimento de superioridade em relação a outras línguas, tornando familiar o que não é familiar. Sob esse ponto de vista ele delimita e define treze “tendências deformadoras da letra”, que apontam para as várias “dimensões/níveis” da tradução, que são, na verdade, as dimensões da própria língua³.

Conclusão

Este estudo promove, portanto, a ideia de que quanto maior o nível de consciência do tradutor diante dos níveis linguístico-culturais – bem como o maior domínio dos procedimentos linguístico-pragmáticos, realizados de forma inevitável em qualquer tradução – maiores serão as chances de realizar uma tradução competente, capaz, em última análise, de enriquecer a língua e cultura locais.

³ Em minha dissertação de mestrado, propomos relacionar os conceitos de Traoré e Berman e empregá-los como metodologia para realização da tradução sugerida de *Die Kinder zu Hameln*, bem como à análise da mesma. Apesar de Traoré tratar da língua no contexto de aquisição da linguagem, é possível abarcar as tendências deformadoras de Berman nos “níveis linguístico-culturais específicos”. (Cf. DUPRÉ LOBATO, 2016)

REFERÊNCIAS

AULETE. iDicionário Aulete. Disponível em: [<http://aulete.uol.com.br/>]. Acesso em: 06/07/2016.

BERMAN, A. *A tradução e a letra: ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

_____. *The Experience of the Foreign: Culture and Translation in Romantic Germany*. New York: State University of New York Press, 1992.

COSERIU, E. Flasche und richtige Fragestellungen in der Übersetzungstheorie / O falso e o verdadeiro na Teoria da Tradução. Tradução por Ina Emmel. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). *Clássicos da Teoria da Tradução: Antologia bilíngue*. Florianópolis: UFSC, 2010, vol. 1.

DUDEN. Duden Online. Disponível em: [<http://www.duden.de/>]. Acesso em: 06/07/2016.

DUPRÉ LOBATO, M. *Die Kinder zu Hameln: Língua, cultura e identidade em tradução*, 2016, 90 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos de Linguagem) Universidade Federal Fluminense, Niterói.

ECO, U. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Tradução por Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HUMBOLDT, W. von. *Linguagem, Literatura, Bildung* (Ed. bilíngue). Florianópolis: UFSC, 2006.

_____. Einleitung zu Agamemnon / Introdução a Agamêmnon. Tradução por Susana Kampff Lages. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). *Clássicos da Teoria da Tradução: Antologia bilíngue*. Florianópolis: UFSC, 2010, vol. 1.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LACERDA, P. F. A. C. Tradução e sociolinguística variacionista: a língua pode traduzir a sociedade? In: *Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, Juiz de Fora, n. 20, p. 127-142, 2010.

MATTOSO CÂMARA JR., J. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 2001 [1953].

OXFORD. Oxford Dictionaries. Disponível em: [<http://oxforddictionaries.com/>]. Acesso em: 02/07/2016.

PYM, A. Alternatives to Borders in Translation Theory. In: PETRILLI, S. (org.), *Translation, translation*. New York: Rodopi, 2003, p. 451-463.

SAVEDRA, M. M. G.; GAIO, M. L. M.; CARLOS NETO, M. E. Contato linguístico e imigração no Brasil: fenômenos de manutenção/revitalização, language shift e code-switching. In: *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, 2015.

TRAORÉ, S. Zur Grundlegung einer Kulturkontrastiven Grammatik. In: GÖTZE, L.; MÜLLER-LIU, P.; TRAORÉ, S. (Hrsg.), *Kulturkontrastive Grammatik: Konzepte und Methoden*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2009.